

Memórias da violência

*Ligia Vanessa Penha Oliveira*¹

Doutoranda em Letras/ Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás/UFG.

 <https://orcid.org/0000-0001-6771-9384>

Recebido em: 21 jan. 2022. **Aprovado** em: 07 jun. 2022.

Como citar este conto:

OLIVEIRA, Ligia Vanessa Penha. Memórias da violência. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, p. 311-313, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8223133>

Cá estou novamente em um beco sem saída. Já estive nessa posição quando tinha por volta de quatro anos de idade, nessa época, tempo distante, não presenciei e nem pude ver com meus olhos, mas aconteceu ao lado do meu quarto, na casa em que morávamos eu, minha irmã, meu pai e minha mãe. Uma mulher amanheceu, mas não acordou, estava ensanguentada, ouvimos o tiro, meu pai a viu morta, minha mãe não deixou que nem eu, nem minha irmã víssemos. Apesar de não ver, essa imagem nunca saiu da minha cabeça e, infelizmente, ela vem acontecendo com mais frequência do que eu gostaria, na verdade, queria que nunca tivesse acontecido.

Outra vez, agora eu tenho nove anos de idade e minha irmã um ano a menos que eu, estamos voltando da escola sozinhas, como de costume. A escola é perto de casa, outra casa agora, é perto da família do meu pai e perto de uma família parecida com a minha: pai, mãe e duas filhas. É uma rua sem calçamento, sem asfalto, só piçarras e pedras, antes de chegar até nossa casa existe um riacho, temos que atravessar segurando a cerca na lateral. Minha irmã e eu estudamos pela manhã, voltamos às dez e meia neste dia, já avistamos nossa casa, quando a vizinha corre em nossa direção e atrás dela nosso vizinho, seu marido, com uma arma apontada,

*  lvpoliveira@gmail.com

atira duas vezes nas costas dela. Ela cai, o sangue mais uma vez escorre, eu e minha irmã testemunhamos, minha mãe sai de casa atordoada pelos tiros, o vizinho foge, minha mãe não conseguiu evitar que víssemos dessa vez, ela vem ao nosso encontro enquanto apenas choramos, sem saber o que fazer. Poderia ser uma de nós ali nas pedras, estávamos no campo de visão do covarde que atirou. Dessa vez, a lembrança é visual, não conseguimos nos desvencilhar das imagens que, de tempos em tempos, retornam.

Outra vez, agora tenho vinte e nove anos, acordei cedo, moro com meu namorado, saímos para a academia, caminhamos cerca de dois quilômetros até lá, conversando às cinco e meia da manhã, escutamos alguém que pede por socorro e grita desesperada “Socorro, alguém chame a polícia”, ninguém responde, está muito cedo ainda. Onde moramos as casas são quase todas iguais, não conseguimos distinguir de qual das casas saem aquelas preces, escutamos o barulho da mulher apanhando como um eco. Paramos para escutar melhor, passa um homem de bicicleta, observa, escuta também e diz “ela apanha porque quer, se não quisesse já tinha ido embora”, eu finjo que não escuto, não denunciemos, não sabemos de onde saem os gritos, todas as casas ainda estão fechadas, seguimos para a academia, passo o dia pensando “o que terá acontecido com ela?”. Que dia triste!

Outra vez, ainda tenho vinte e nove anos, estou em casa com meu namorado, tentamos dormir, já são duas horas e dezoito minutos da madrugada, o ventilador faz barulho e o som é abafado, começamos a ouvir uma discussão entre os vizinhos, ele desliga o ventilador e, mais uma vez, a imagem da violência se mostra perto de mim. A mulher grita “ele me bateu, chutou meu rosto”, não é a primeira vez que presenciamos uma discussão deles, já se exaltaram outras vezes, se embriagam, se exaltam, gritam. Hoje, ambos estão embriagados.

Naquela casa mora uma família que ainda não consegui identificar: pai, que também é avô, mãe ou madrasta e um neto e uma neta. Hoje, só estão pai, mãe e neto. A mulher grita “Ai, minha cara tá deformada, seu desgraçado” e chora e grita “Covarde, o meu filho é homem, o meu filho é homem!”. Ela grita, para quem quiser ouvir que ele a agrediu e pede “Socorro, chama a polícia, chama minha mãe”. Na minha cidade há um telefone para entrar em contato com a PM, via aplicativo de celular, meu namorado já mandou mensagens e até áudios da discussão, ninguém responde.

Já são três horas da manhã, está chovendo, a mulher está no meio da rua gritando, não somos só nós que estamos vendo o que está acontecendo. Meu namorado abre o portão de casa,

uma esperança para ela, que se achava desamparada, ela pede “Chama a polícia, vizinho, me ajude!”. O covarde agressor diz “feche sua porta, pode chamar polícia, eu não tenho medo, bati e bato de novo”, a mulher sobe a rua chorando, diz que o rosto está sangrando e o agressor entra em casa, fechamos o portão, entramos e, mais uma vez, tentamos dormir, já são três e vinte e sete da madrugada.

Pouco tempo depois, a mulher retorna, ela continua gritando e pedindo ajuda, chama pelo filho ou neto “Rafael, me ajuda”, outro covarde, não se manifesta para ajudar, diz que “não tenho nada a ver com isso, ela apanha é por que quer, ela também não é besta, não”. Nada de a polícia responder às mensagens. Ouvimos mais uma vez barulho de coisas quebrando, janelas abrindo, grades batendo, ela pede “vá embora, a casa é minha”, ele diz “eu vou, mas cale sua boca”. Ela ainda está gritando, mas ele já saiu. Nada de a polícia responder.

A primeira vez que presenciei, mas não vi, foi o ato extremo, a mulher já não acordou, não conhecia ela, não sabia se tinha filhos, saíram reportagens no jornal informando sobre o assassinato, mas eu era muito criança para entender, o assassino fugiu e nunca soube se foi preso ou não.

A segunda vez, aquele que atirou fugiu, para não ser pego em flagrante, depois foi pego, a mulher não morreu, apesar dos dois tiros, ele cumpriu dois anos em regime fechado, quando saiu em regime semiaberto lá estava ela aguardando por ele, vivem juntos até hoje, têm duas filhas.

A terceira vez eu nunca soube quem era, não sei se está viva ou morta, se ainda mora com o seu agressor, se tem filhos ou não, mas sei que ninguém tem direito de agredir outra pessoa. Ainda penso por que eu não fiz nada? Eu poderia ter feito?

A quarta vez ainda está acontecendo, ela ainda vive com o marido agressor e com os netos. A polícia nunca respondeu às mensagens. Agora já são quatro e treze da madrugada, a rua acalmou, mas eu não consigo dormir com tantas lembranças de violência na mente.

Não sei quando, nem quantas vezes ainda presenciarei casos de agressão como esses, mas sei de uma coisa triste, quando uma mulher precisa de ajuda, a rua silencia e a polícia raramente aparece, na maioria das vezes até aparece, depois que a mulher já morreu e o assassino já fugiu.